

LÉVI-STRAUSS (CLAUDE) — «L'HOMME NU — MYTHOLOGQUES IV» — LIBRAIRIE PLON, 1971

I — Estruturalismo e Mito

Depois de «Le Cru et le Cuit», «Du Miel aux Cendres» e «Origines des manières de Table», na sequência de «Mythologiques», o célebre e discutido etnólogo, titular de Antropologia Social no Colégio de França, publica agora «L'Homme Nu» onde analisa os mitos dos índios das duas Américas aplicando o mesmo método e dentro do mesmo esquema de pensamento dos seus trabalhos anteriores. Na sequência deste livro, afirma, «teremos de nos interrogar mais a fundo sobre a estrutura desse vasto conjunto mítico que cobre praticamente o Novo Mundo». Segundo sua própria informação, condensa neste último volume a matéria dos seus cursos no Colégio de França de 1965 a 1971, com excepção do curso de 1966-1967 que utiliza em «Origines des manières de Table» e do de 1968-1969 dedicado a certo problema de mitologia dos Salish, cuja solução era necessária para que a análise comparada pudesse prosseguir e a sua obra retomar a sua marcha.

Os trabalhos já numerosos de Lévi-Strauss são impregnados de vastíssima temática filosófica, embora afirme não ligar grande importância a esse aspecto e não ter filosofia que mereça que sobre ela se detenham, mas, apenas, algumas convicções rústicas, às quais regressou menos pelo aprofundar da sua reflexão de que pela «erosão regressiva»

do que lhe foi ensinado nesse domínio e que ele próprio ensinou.

Grande tem sido a sua influência sobre a filosofia contemporânea — o que o leva a ser considerado como um «maître à penser» da geração moderna — bem como a sua acção para estabelecer uma interdisciplina dos vários ramos do saber. Toda a sua investigação assenta e se fundamenta no conceito de *estrutura*, como é sabido, e o seu maior mérito consiste talvez em ter tomado a temática estruturalista das investigações linguísticas e transformar as noções de «sistema» e de «oposição significante» introduzindo-as no estudo das sociedades primitivas em polémica com as concepções funcionalistas de Malinowski e colocando-se mais na tradição de Frazer.

O método estruturalista é por ele aplicado às ciências humanas influenciando com as suas análises e conclusões vários ramos da estética, da crítica, da semiologia, da análise das profundidades, etc., etc., de tal maneira que não há exagero ao afirmar-se com J. M. Auzias que «o estruturalismo é Lévi-Strauss».

O seu conceito de estrutura, com mais desenvolvimento nas últimas obras, andou sempre no âmbito duma visão que muitos definem como «pantologista»; em povos diversos e em diversas actividades age uma mesma actividade estruturalista redutível a modelos homólogos. Por exemplo: os mitos aparecem como manifestações de «estruturas mentais inconscientes» — que diferem do «inconsciente colectivo» de Jung —, correspondendo a esquemas formais e de todos os tempos.

O problema da génese do mito confunde-se, para Lévi-Strauss, com o problema do próprio pensamento, cuja experiência constitutiva não é a duma oposição entre «le moi et l'autre» mas de «l'autre appréhendé comme opposition». Na falta desta propriedade intrínseca, nenhuma tomada de consciência constitutiva do ser seria possível. Não sendo apreensível como relação, o ser equivaleria ao nada. As condições de aparecimento do mito são as mesmas que a de todo o pensamento de um objecto e um objecto não

o é, por muito simples que o concebamos, senão pelo facto de constituir o sujeito como sujeito e a própria consciência como consciência duma relação.

Para que um mito seja engendrado pelo pensamento e engendre por seu turno outros mitos, é necessário e isso basta, que uma primeira oposição se injecte na experiência donde resultará que outras oposições serão injectadas em sequência.

Não se pretende nestas «notas de leitura» abordar, digamos, o corpo da obra, isto é, a exposição, análise e comparação dos mitos dos Índios das Américas, feitas através de «Secrets de famille», «Jeux d'Echecs», «Scènes de la vie privée», «Scènes de la vie de Province», etc., dos quais entende poder extrair-se mais significados do que os que se podem encontrar nos «lugares comuns a que se reduzem, desde há cerca de dois mil e quinhentos anos, as reflexões dos filósofos sobre a mitologia» das quais exceptua Plutarco. Tomemos essa exposição como matéria de facto no âmbito da Etnologia, resultado de observações e investigações só por semiólogos e etnólogos podendo ser apreciadas, restando-lhes uns a forma outros o conteúdo. Estamos «fora de jogo», como diria Lévi-Strauss e assim as nossas «notas» apenas se referem às consequências que o próprio autor tira das suas constatações na última parte do seu livro que intitula «Finale» e subordina a uma epígrafe tirada de Victor Hugo e que serve de comentário a todas as anteriores. Lévi-Strauss considera «Finale» como «comentário duma obra terminada, e donde se esforça por tirar os seus próprios ensinamentos». São essas conclusões que nos propomos resumir e comentar. Começa por afirmar: se há com efeito uma experiência íntima de que vinte anos dedicados ao estudo dos mitos penetraram o autor, ela incide no facto de que a «consciência de ser», preocupação máxima de toda a filosofia ocidental, não resiste à sua aplicação contínua ao mesmo objecto que invade completamente e o impregna do sentimento vivido da sua irrealdade. Porque o pouco de realidade a que ousa ainda pretender é a duma singularidade, lugar de um espaço, momento de um tempo relativos um em relação ao outro, onde se

passaram, se passam ou passarão acontecimentos cuja densidade — também relativa em relação a outros acontecimentos não menos reais mas mais dispersos — permite circunscrever. Mas, pergunta Lévi-Strauss, porque marcar uma tal reticência em frente ao sujeito quando se fala de mito, isto é, de narrações que não puderam nascer sem que num dado momento, embora na maior parte das vezes inacessível, tenha cada um deles sido imaginado e narrado pela primeira vez, por um indivíduo particular? Todo o mito deve em última análise, ter a sua origem numa criação individual, mas — e aqui temos a resposta à pergunta posta — «para passar ao estado de mito, é necessário precisamente que uma criação não permaneça individual e perca, no decurso desta promoção, o essencial dos factores devidos à probabilidade que a compenetravam inicialmente e que se podiam atribuir ao temperamento, ao talento, à imaginação e às experiências pessoais do seu autor». Sendo a transmissão dos mitos oral e a sua tradição colectiva, os níveis probabilistas que eles incluíam não cessarão de se chocar devido à usura social a que são menos resistentes do que os níveis organizados de forma mais rígida devido a responderem a necessidades partilhadas. Assim, a diferença entre criações individuais e mitos reconhecidos como tais por uma comunidade, não é de natureza mas de grau. Sobre este aspecto, segundo Lévi-Strauss, a análise estrutural pode legitimamente aplicar-se a mitos saídos da tradição colectiva e a obras de um só autor, porque o programa, quer num quer noutro caso, será o mesmo: «explicar estruturalmente o que o pode ser e que nunca é tudo» e para o resto procurar aprender um outro género de determinismo que será necessário buscar aos níveis estatístico ou sociológico.

Admitamos, portanto, continua, que toda a criação literária, oral ou escrita, não possa ser de início senão individual. Logo, porém, que ela seja lançada na tradição oral, como acontece entre os povos sem escrita, apenas os níveis estruturados que assentam sobre bases comuns permanecerão estáveis, enquanto os níveis probabilistas manifestarão uma grande variabilidade, variabilidade essa em

função da personalidade dos sucessivos narradores. No decurso do processo de transmissão oral, esses níveis probabilistas, chocando uns com os outros, libertarão progressivamente o que se poderá chamar «as suas partes cristalinas». As obras individuais são todas mitos em potência, mas é a sua adopção sobre modo colectivo que actualiza o seu «mitismo».

Para Lévi-Strauss é aqui que se pode ver a diferença entre as autênticas interpretações estruturalistas e as que são dadas, por exemplo, pela psicanálise ou pelos que pretendem reduzir as estruturas da obra individual ou colectiva «àquilo a que chamam falsamente a sua génese». Respondendo a Piaget e aceitando que toda a estrutura tem uma génese, põe, porém, a condição de que «cada estado anterior de uma estrutura é ele mesmo uma estrutura, e enquanto o psicólogo suíço entende que a natureza última do real consiste em estar em construção permanente e não numa acumulação de estruturas já feitas, Lévi-Strauss admite que assim seja, mas que são já estruturas que, por transformação engendram outras estruturas, e «*o facto da estrutura está primeiro*». A noção de natureza humana não é para ele a duma série de estruturas empilhadas completamente montadas e imutáveis, mas sim de matrizes a partir das quais se engendram estruturas referentes todas a um mesmo conjunto, que não têm de permanecer idênticas no decurso da existência individual, nem em todos os tempos e lugares quando se trata das sociedades humanas.

O estruturalismo autêntico busca apreender, antes de mais, as propriedades intrínsecas de certos tipos de ordens, propriedades que não exprimem nada que lhes seja exterior a não ser que nos voltemos para a organização cerebral concebida como um núcleo cujos sistemas ideológicos traduzem estas ou aquelas propriedades nos termos duma estrutura particular e revelando, cada um de sua forma, modos de interconexão.

Toda a nova interpretação de um mito toma o seu lugar na série das variantes conhecidas desse mito, o que parece, à primeira vista, encerrar-nos num círculo, cada forma

imediatamente mudada em conteúdo requerendo até ao infinito uma outra forma. O critério da interpretação estrutural evita esse paradoxo pelo facto de só ela se aperceber ao mesmo tempo de si própria e das outras. Na medida em que consiste em explicitar um sistema de relações que as outras variantes apenas encarnavam, ela integra-as e integra-se nelas sobre um plano novo em que se opera a fusão definitiva do fundo e da forma que não é mais susceptível já de novas encarnações. «Revelada a si mesmo, a estrutura do mito põe um termo ao seu desenvolvimento».

O desaparecimento do sujeito representa, pois, uma necessidade de ordem metodológica obedecendo ao escrúpulo de nada explicar do mito senão pelo mito, de excluir, consequentemente, o ponto de vista da apreciação do mito «par le dehors» tendendo assim a encontrar-lhe causas extrínsecas. Por detrás de todo o sistema mítico perfilam-se outros sistemas míticos como factores preponderantes que o determinam. Esses sistemas fazem-se eco uns dos outros o que não significa que em cada fase do seu desenvolvimento complexo, o mito não inflicta, ao passar duma sociedade para outra, pela proximidade das infra-estruturas tecno-económicas de que sofre a atracção. Lévi-Strauss procurou já demonstrar várias vezes que para «compreender os afastamentos diferenciais nas manifestações dum mesmo mito pertencendo a sociedades vizinhas ou afastadas, convém dar à infra-estrutura os seus direitos. Cada versão do mito recebe a influência de um duplo determinismo: um que a liga a uma sucessão de versões anteriores ou estranhas, outro de origem infra-estrutural que impõe a modificação deste ou daquele elemento. Mas, quer a infra-estrutura esteja ligada à natureza das coisas quer seja da ordem dividida — nunca os mitos poderiam provir dela por uma causalidade que se tornaria tautológica. Eles serão antes respostas temporárias e locais aos problemas que surgem dos ajustamentos realizáveis e das contradições impossíveis de ultrapassar. Longe de derivar de qualquer conteúdo, o mito aproxima-se dele. Em cada caso particular aliena, a este

contacto, uma parte da sua liberdade aparente que não é senão uma concessão à sua própria necessidade.

A origem desta perde-se nos confins dos tempos, jaz nas profundezas do espírito e a sua libertação espontânea «atrasa-se, acelera-se, inflecte-se ou bifurca-se sob as pressões históricas».

Qual a posição do sujeito nesta operação? «Voluntariamente afastado — responde Lévi-Strauss — para deixar o campo livre a este discurso anónimo» e não renuncia por isso a tomar consciência dele. A crítica da consciência, ao contrário do que muitos fingem acreditar, não leva à renúncia do pensamento consciente e assim, afirma nunca ter pensado em fazer outra coisa que não fosse «obra de conhecimento, isto é, *tomar consciência*». A filosofia conseguiu durante largo tempo manter as ciências humanas encerradas num círculo que não lhes permitia aperceberem-se de outro objecto para a consciência que não fosse a própria consciência e daí a sua impotência prática e aquilo a que Lévi-Strauss chama «o seu carácter ilusionista».

Ora precisamente o que o estruturalismo pretende, depois de Rousseau, Marx, Dürkheim, Saussure, Freud, diz-nos o seu chefe, é desvendar à consciência um «objet autre» e assim colocá-lo perante os fenómenos humanos numa posição comparada à das ciências físicas e naturais e que é a única, na sua opinião, que pode permitir ao conhecimento o exercer-se. Só assim a consciência pode medir a imensidade da sua tarefa e encontrar coragem para a idealizar, esperando que ela não seja estéril, pois afirmar que a consciência não é tudo, não significa renunciar ao seu exercício.

Esta tomada de consciência, porém, é de ordem intelectual, não diferindo substancialmente das realidades a que se aplicam e não podendo portanto introduzir subrepticiamente o sujeito. Se há uma altura em que o «eu» pode reaparecer é apenas quando, tendo acabado a sua obra que o excluía do princípio ao fim, pode e deve tomar uma visão de conjunto sobre ela. «Lançando um último olhar retrospectivo sobre o labor de oito anos que em breve se

me tornará estranho como se tivesse sido obra de um outro, creio poder compreender, e em certa medida desculpar, a desconfiança com que foi acolhida de diversos lados». É uma obra que ele sabe plena de significado e que é reduzida por outros a «uma forma vazia de sentido». Mas é que esse sentido «encontra-se incluído e como comprimido no interior do sistema».

*Maria Laura de Araújo*